



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_24/2017

Homilia no Dia Mundial das Missões

Braga, Sé Catedral, 22.Out.2017, 11h30

A fé torna-se missão

Seguindo a Liturgia do XXIX Domingo do Tempo Comum, celebramos hoje, dia 22 de Outubro, a Solenidade de São Martinho de Dume, padroeiro da Arquidiocese.

Quando pensamos nos santos, somos muitas vezes tentados a fixar-nos nas obras que realizaram. Importa, porém, consciencializar-nos que as obras são apenas uma consequência da sua vida. Olhando para ela, encontramos, em primeiro lugar, uma experiência de Deus vivida com originalidade. Em segundo lugar, um quotidiano que transparece uma interioridade sólida e espiritual. A vida dos santos é teológica e, de consequência, rica em humanidade.

S. Paulo recorda-nos, neste Domingo, o núcleo central da nossa identidade cristã. Escrevendo aos Tessalonicenses, sublinha o que eles desde cedo testemunhavam: a actividade da fé, o esforço da caridade e a firmeza da esperança. Este deve ser também o itinerário das nossas vidas.

1. A fé é dinâmica. Ela explicita-se nas acções e estas depois multiplicam-se quando nos dedicamos de alma e coração ao Reino de Deus. Como temos necessidade, nestes tempos de indiferença, de fazer com que a fé fale em todos os ambientes humanos! Agimos pelo testemunho silencioso e pelas obras acompanhadas da Palavra. Este testemunho acontece tanto no mundo eclesial como na sociedade. O “dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César” não significa que devam ser apenas os outros a construir a sociedade. Não estaremos a pecar por inércia quando nos alheamos e não impregnamos a fé nas realidades terrestres? O bem comum é causa de todos. O cristão pode até não ser um político mas não está dispensado de fazer política, ou seja, de pensar e construir um mundo mais equitativo e solidário.

2. Com uma fé activa, permitimos que a caridade seja o nosso estatuto de vida. Tudo na vida deve ser caridade e isso exige esforço e atenção. O comodismo é, como sabemos, a via mais fácil. Mas é a mesma via que, a longo prazo, nos desilude e desespera. O que seria do mundo sem uma caridade a permear a família, o trabalho e o bem comum? Sem caridade, o mundo torna-se num verdadeiro inferno.

3. Os presságios que nos chegam pelos meios de comunicação poderão parecer dramáticos. É neste contexto que se torna imprescindível um horizonte de esperança que desate os nós da rede onde podemos ter caído. A esperança exige firmeza. Com Cristo e a partir de Cristo estamos seguros. Não é com pessimismo ou alarmismo que construímos algo de positivo. A esperança assegura-nos que,



acreditando e amando, nada nos atemoriza. Ela é a gramática necessária para construirmos uma sociedade que a todos protege e onde ninguém é colocado fora da dignidade humana. Sim! A esperança cristã deve levar-nos a sonhar um mundo novo.

São Martinho de Dume emerge na história da nossa Arquidiocese com um homem e bispo de fé activa, de caridade com esforço e de esperança firme. No muito que realizou deixa-nos sobretudo o testemunho de uma missão multidisciplinar. Recordámos sobretudo a evangelização dos povos suevos, a quem procurou corrigir nos costumes e suscitar comportamentos cristãos. À sua imagem devemos prosseguir a redescoberta da nossa vocação de sermos discípulos missionários. Sabemos e temos insistido nesta verdade muitas vezes.

Celebramos também hoje o dia Mundial das Missões. O Papa Francisco, na sua mensagem, quer recentrar a “missão no coração da fé”. Onde está a fé, aí está a missão. A Igreja, comunidade de crentes, não pode prescindir da sua natureza missionária. Como Arquidiocese teremos um longo caminho a percorrer até sermos uma corpo missionário que pensa e reza pelas missões mas que, sobretudo, se compromete e se descentra de si mesma. Apenas saindo de si mesma e semeando o Evangelho poderá ser um agente activo da esperança. Esperança numa sociedade sem Deus e para um homem que vacila nos seus valores.

A título de exemplo, e como exigência de uma fé atenta ao mundo que nos circunda, não podemos ficar insensíveis às consequências que os incêndios causaram no verão e semanas passadas. Em primeiro lugar, é necessário reavivar a urgência da consciencialização, por exemplo nas nossas catequeses, de que estamos perante uma casa comum que engloba toda a natureza e edifícios construídos. Urge uma mentalidade nova que proteja a criação e respeite a natureza. E não esqueçamos que há sempre algo ao nosso lado para cuidar e evitar que aconteçam incêndios ou não se agravem pelo nosso descuido. Creio não ser inoportuno recordar que a oração é também um meio para criar esta consciência. Deus confia o mundo ao Homem e pede-lhe que o trate como um delicado jardim.

Como cidadãos do mundo e de Portugal, podemos exigir medidas concretas que garantam, tanto quanto possível, um clima sem grandes perturbações. Ninguém ignora que as alterações climáticas são um factor determinante neste contexto. Mas todos sabemos que as grandes potências não querem assumir compromissos para assim defenderem interesses nacionais ou de grupos económicos. Também é legítimo esperar novas políticas a nível governamental e autárquico que garantam um futuro mais tranquilo. Como tenho dito, não bastam os discursos! As mortes de tantos portugueses e a destruição de tantos bens exigem acções concretas que mostrem que os cidadãos podem confiar em quem governa e que deveria servir o povo com competência e não só por carreirismo. Ao mesmo tempo, é importante confiar nas instituições que estão no terreno e prestam uma assistência personalizada e de primeira necessidade. Recordo o meritório trabalho das Caritas diocesanas que, articuladas com a Caritas Nacional, têm assistido as pessoas, reconstruído casas e gerido correctamente o dinheiro dos peditórios.

Hoje é um dia favorável para pensarmos nas missões. Para pensarmos em quem se entrega incondicionalmente ao anúncio do Reino de Deus e ao cuidado humano. Temos uma bonita história



de colaboração com as Missões. Continuemos e sejamos sempre generosos. Aproveitemos ainda para reconhecer que a Igreja é universal e que compete às Igrejas Particulares contribuir para a evangelização *ad gentes*.

Neste dia Mundial das Missões, o Centro Missionário da Arquidiocese de Braga (CMAB) recorda-nos que são quatro as Obras Missionárias Pontifícias: Propagação da Fé, Santa Infância, S. Pedro Apóstolo e União Missionária. Reconhecendo a importância de todas, e com especial carinho a paróquia de Ocuca, Moçambique, sublinhamos a opção por se revitalizar nas paróquias a Santa Infância, constituindo grupos de mais ou menos 12 crianças, dos 7 aos 14. Aí nascerá esta consciência missionária e as crianças crescerão numa Igreja aberta ao mundo que sabe sair de si para se encontrar com todas as culturas do Universo.

S. Martinho de Dume, nosso padroeiro e apóstolo nos Suevos, coloque a missão no coração de uma fé activa, de uma caridade corajosa e de uma esperança firme. Que com S. Martinho sejamos discípulos missionários que acreditam na esperança que Cristo oferece e se comprometem como profetas da esperança para um mundo mais solidário e irmão.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*